

The background of the cover is a soft, multi-colored gradient of light blue, green, and purple. A large, dark silhouette of a hand is positioned at the top, with several thin, light-colored lines extending downwards from it. In the center, a dark silhouette of a person stands with their back to the viewer, looking up at the hand. The person's shadow is cast onto the ground below them.

Os Espíritos Superiores e o nosso livre-arbítrio

Ana Luísa

Paulo Neto

Os Espíritos Superiores e o nosso livre-arbítrio

(Versão 18)

“O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo.”
(*O Livro dos Espíritos*, q. 122)

“O homem é livre de pensar, querer e agir, mas sua liberdade é limitada pelas suas próprias condições de ser.” (HERCULANO PIRES)

Paulo Neto

Copyright 2020 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

Ana Luísa Barroso da Silva Neto

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
Júlio César Moreira da Silva
Rosana Netto Nunes Barroso

Diagramação:

Paulo Neto
site: <https://paulosnetos.net>
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, julho/2020.

Índice

Introdução.....	4
O que se pode encontrar nas obras da Codificação.....	9
Obras posteriores às da Codificação.....	31
Frequentemente são eles que vos dirigem.....	42
Espíritos inferiores são constrangidos a manifestarem-se em reunião mediúnica.....	60
Reencarnação compulsória, quando isso ocorreria?.....	72
A inversão compulsória da polaridade sexual na reencarnação.....	77
Chico Xavier, exemplo de uma situação inusitada.....	84
Conclusão.....	87
Referências bibliográficas.....	89
Dados biográficos do autor.....	93

Introdução

É fácil a qualquer um perceber que, no meio espírita, prevalece a ideia de que “sempre” somos respeitados em nosso livre-arbítrio. Mas, será que os Espíritos Superiores respeitam o nosso livre-arbítrio em toda e qualquer situação?

Esta questão merece uma reflexão profunda da parte de todos nós, adeptos do Espiritismo, que deverá ser iniciada com entendimento do que realmente significa o livre-arbítrio.

Esclarecemos que nas transcrições o trecho negrito é nosso, quando ocorrer de não ser daremos notícia.

A definição de livre-arbítrio, conforme o **Dicionário Eletrônico Houaiss**, é: *“possibilidade de decidir, escolher em função da própria vontade, isenta de qualquer condicionamento, motivo ou causa determinante”*.

É oportuno também vermos a explicação

constante do **Dicionário Aurélio**:

Refere-se o livre-arbítrio principalmente às ações e à vontade humana, e pretende significar que o homem é dotado do poder de, em determinadas circunstâncias, agir sem motivos ou finalidades diferentes da própria ação.

Os Espíritos Superiores afirmaram a Allan Kardec (1804–1869) que somente nesta condição o homem goza de liberdade absoluta:

Na de um eremita no deserto, pois desde que haja dois homens juntos há direitos recíprocos que lhes cumpre respeitar, portanto, nenhum deles tem mais liberdade absoluta. (1)

Isso embora diga respeito à liberdade, de forma bem evidente também serve para a questão do livre-arbítrio com o qual esse está intimamente relacionado.

Transcrevemos de nosso ebook “Possessão – posse física do encarnado” (2), no qual nós demonstramos que Allan Kardec mudou de opinião a respeito da possibilidade de um Espírito tomar posse

física do corpo de um encarnado, o seguinte trecho de **A Gênese**:

48. – Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. **Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar** e que, para causar maior impressão nos ouvintes, **toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta**, como emprestaria seu fato ⁽³⁾ a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatando-o, se este não possui bastante força moral para lhe resistir. Fá-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. ⁽⁴⁾

Nas palestras que então fazíamos, após explicar esse trecho, ressaltando a questão de que Allan Kardec passou a considerar a realidade da possessão física, propúnhamos a seguinte questão: um Espírito Superior poderia tomar à força o corpo

de um encarnado? Resposta, quase sempre, unânime: não!

Respondíamos que sim, exemplificando que, caso um Espírito Superior desejasse dar uma mensagem e o médium com o qual ele tem afinidade não quisesse ceder o seu corpo, certamente que “tomaria” do corpo dele, daria seu recado, pediria desculpas e iria embora.

Também esclarecíamos que se isso viesse a ocorrer seria numa excepcionalidade, na qual o interesse coletivo estaria acima do individual, fruto de uma analogia a esta questão proposta aos Espíritos, contida no ***Evangelho Segundo o Espiritismo***:

21. Haverá casos em que convenha se desvende o mal de outrem?

É muito delicada esta questão e, para resolvê-la, necessário se torna apelar para a caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só a ela prejudicam, nenhuma utilidade haverá nunca em divulgá-la. Se, porém, podem acarretar prejuízo a terceiros, **deve-se atender de preferência ao interesse do maior número**. Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode constituir um dever,

pois mais vale caia um homem, do que virem muitos a ser suas vítimas. Em tal caso, deve-se pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes.
– São Luís (Paris, 1860.) (5)

Percebemos que ainda restavam dúvidas, porquanto algumas pessoas justificavam dizendo que os Espíritos Superiores respeitam “todas” as nossas decisões, em razão do postulado de que “*O Espírito goza sempre do seu livre-arbítrio*”. (6), que encontramos no comentário da resposta à questão 399, portanto, é uma afirmativa de Allan Kardec e não deles, é importante deixarmos isso bem claro.

O que se pode encontrar nas obras da Codificação

Então, nosso problema se resume na questão de termos ou não pleno livre-arbítrio em relação a todos os nossos atos e a tudo que acontece conosco ou em nossa volta, sem qualquer interferência externa, até mesmo porque, se houver, já não mais estaríamos usando do livre-arbítrio.

É bom lembrar que, em **O Livro dos Espíritos**, questão 122, os Espíritos superiores disseram ao Codificador que “*O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo.*” (7). O que nos fez questionar se nós, realmente, já temos plena consciência de nós mesmos. Do próprio Allan Kardec, em **A Gênese**, que não difere do aqui dito, temos:

[...] Então, do mesmo modo que se deixa gradualmente de usar a andadeira, à medida que a criança se equilibra sozinha, **os Espíritos protetores deixam entregues a si mesmos os**

seus protegidos, à medida que estes se tornam aptos a guiar-se pela própria inteligência. (8)

Então, teríamos que o nosso livre-arbítrio vai se tornando cada vez com maior amplitude, à medida que nossa evolução se torna mais próxima da meta.

Em **O Livro dos Espíritos**, na resposta à questão 231, os Espíritos superiores disseram que:

[...] Na erraticidade, o Espírito percebe o que lhe falta para ser mais feliz, e desde então procura os meios de alcançá-lo. **Nem sempre, porém, lhe é permitido reencarnar conforme fora de agrado**, representado isso, para ele, uma punição. (9)

Evidencia-se que há limites quanto à programação reencarnatória, uma vez que o Espírito *“nem sempre lhe é permitido reencarnar conforme sua vontade.”*

Em resposta à questão 262a, de **O Livro dos Espíritos**, os Espíritos disseram ao Codificador:

“Deus [...] pode impor determinada existência

a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, **não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil**, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, ao mesmo tempo que lhe sirva de expiação”. (10)

Se há imposição de determinada existência a um Espírito, que não se mostra em condições de compreender o que lhe seria mais útil, certamente, esse perdeu temporariamente o seu livre-arbítrio.

Mais à frente, Allan Kardec volta ao assunto:

337. Pode a união do Espírito a determinado corpo ser imposta por Deus?

“Certo, do mesmo modo que as diferentes provas, mormente **quando ainda o Espírito não está apto a proceder a uma escolha com conhecimento de causa**. Por expiação, **pode o Espírito ser constrangido a se unir ao corpo de determinada criança** que, pelo seu nascimento e pela posição que venha a ocupar no mundo, se lhe torne instrumento de castigo.” (11)

Não há dúvida alguma de que todos nós estamos subordinados à vontade de Deus e disso resulta que a nossa submissão ao que Ele deseja é

incontestável; portanto, é mais um ponto do qual concluímos que nosso livre-arbítrio não pode ser pleno.

O amigo Júlio César Moreira da Silva nos sugeriu analisar a questão 500 de **O Livro dos Espíritos**. Em princípio pensamos que ela não tinha nada a ver com o tema, mas refletindo melhor passamos a julgar que poderá sim. Mas teremos que mencionar outras questões:

490. *Que se deve entender por anjo da guarda?*

“O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.”

491. *Qual a missão do Espírito protetor?*

“A de um pai em relação aos filhos: **conduzir seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos**, consolá-lo nas aflições e encorajá-lo nas provas da vida.”

492. *O Espírito protetor liga-se ao indivíduo desde o seu nascimento?*

“Desde o nascimento até a morte. **Muitas vezes ele o segue após a morte, na vida espiritual, e mesmo por intermédio de muitas existências corpóreas**, já que tais existências não passam de fases bem curtas da vida do Espírito.”

498. *Quando o Espírito protetor deixa que seu protegido se extravie na vida, será por não poder lutar contra Espíritos malévolos?*

“Não é porque não possa, mas porque não quer; assim, seu protegido sai das provas mais perfeito e mais instruído. **Ele o assiste com seus conselhos, pelos bons pensamentos que lhe inspira**, mas que, infelizmente, nem sempre são ouvidos. Somente a fraqueza, a negligência ou o orgulho do homem podem dar força aos Espíritos maus. O poder deles sobre vós advém do fato de não lhes opordes resistência.”

500. *Chegará um tempo em que o Espírito não tenha mais necessidade de anjo da guarda?*

“**Sim**, quando se torna capaz de conduzir-se por si mesmo, como **há um momento em que o aluno não mais precisa de mestre**. Mas isso não acontece na Terra.” ⁽¹²⁾ (itálico do original)

O que conseguimos perceber é que se há necessidade de termos um Espírito para nos auxiliar em nossa caminhada evolutiva, é que não somos capazes de caminhar sozinhos, portanto, nossas decisões podem estar sendo influenciadas por outro. A partir do momento que “*não mais precisarmos de mestre*” (q. 500), então estaremos prontos para decidir por nós mesmos, aí, sim, teremos o nosso

livre-arbítrio em um grau bem elevado até que, na condição de Espírito puro, o tenhamos em plenitude.

Comparando como algo que acontece na prática ao somente contratamos uma babá para cuidar de um filho enquanto este ainda é criança, fase da vida em que ele precisará de um amparo mais de perto.

Na **Revista Espírita 1860**, mês de novembro, foi publicado o artigo “Relações afetuosas dos Espíritos”, do qual destacamos do comentário de Allan Kardec:

[...] Sabemos que os Espíritos [...] podem ser assistidos por Espíritos mais esclarecidos; que estes têm por missão ajudarem, com os seus conselhos, ao adiantamento dos Espíritos atrasados, que **os Espíritos inferiores** agem sob o impulso de outros Espíritos dos quais são os instrumentos; que eles **recebem ordens, proibições ou permissões**, todas circunstâncias que não poderiam ocorrer se os Espíritos estivessem entregues a si mesmos. [...].

[...].

A felicidade dos Espíritos é relativa à sua elevação; a felicidade não é completa senão para os Espíritos depurados, cuja felicidade consiste, principalmente, no amor que os une; isso se

concebe e é de inteira justiça, porque a afeição verdadeira não pode existir senão entre seres que se despojaram de todo o egoísmo e de toda influência material, porque, entre aqueles somente, ela é pura sem dissimulação, e não pode ser perturbada por nada; de onde se segue que as suas comunicações devem ser, por isso mesmo, mais afetuosas, mais expansivas, do que entre os Espíritos que ainda estão sob o império das paixões terrestres; é necessário disso concluir que **os Espíritos errantes** não estão forçosamente privados, mas **podem estar privados dessas espécies de comunicações, se tal é a punição que lhes foi infligida**. Como disse Georges numa outra passagem: “Essa privação momentânea não lhes dá senão mais ardor para chegar a um momento onde as provas cumpridas lhes devolverão os objetos de sua afeição.” Portanto, **essa privação não é o estado normal dos Espíritos errantes, mas uma expiação para aqueles que a mereceram**, uma das mil e uma variedades que nos esperam na outra vida, quando desmerecemos nesta. ⁽¹³⁾

Se determinados Espíritos errantes *“recebem ordens, proibições ou permissões”* e *“podem estar privados dessas espécies de comunicações”* então, para nós, fica bem claro que não possuem livre-arbítrio para fazer o que lhes der na “telha”, porquanto, em determinadas situações, são

constrangidos por Espíritos mais elevados que eles.

Do artigo “Do princípio da não-retrogradação dos Espíritos”, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de junho, transcrevemos o seguinte parágrafo:

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que, realizando a sua missão providencial, trabalha seu próprio adiantamento pela atividade e pela inteligência, que deve desenvolver, a fim de prover à sua vida e ao seu bem-estar. Mas a encarnação **torna-se uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que devia, é constrangido a recomençar sua tarefa**, multiplicando penosas existências corporais por sua própria culpa. Um estudante não é graduado senão depois de ter passado por todas as classes. [...].⁽¹⁴⁾

O fato de todos nós estarmos subjugados à lei do progresso, leva os que não dão nenhum valor ao progresso moral a serem constrangidos a reencarnar conforme o critério de Espíritos superiores que, temporariamente, tirando-lhes o livre-arbítrio, escolhem as experiências pelas quais devem passar.

Nesse mesmo sentido, destacamos do item 8, do cap. V - Bem-aventurados os aflitos, em **O**

Evangelho Segundo o Espiritismo, o seguinte trecho:

As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa; [...]. ⁽¹⁵⁾

Outro questionamento que faremos é: será que conseguiremos realizar uma ação que prejudique alguém, se esse alguém, na sua programação reencarnatória, não tiver que passar por aquilo que lhe queremos fazer? Exemplificando: se uma pessoa resolvesse matar uma outra, que não tem como “carma”, morrer assassinada. Conseguiria ela realizar o seu intento ou os Espíritos Superiores interviriam para evitar que esse fato ocorresse? Entendemos que não conseguiria, e, portanto, nesse caso o seu livre-arbítrio sofreria algum obstáculo para que tal morte não se efetivasse.

Acreditamos que é justamente isso que encontramos nessas duas questões de **O Livro dos Espíritos**:

528. *No caso de uma pessoa mal-intencionada disparar sobre outra um projétil que apenas lhe passe perto sem a atingir, poderá ter sucedido que um Espírito bondoso haja desviado o projétil?*

“Se o indivíduo alvejado não tem que perecer desse modo, o Espírito bondoso lhe inspirará a ideia de se desviar, **ou então poderá ofuscar o que empunha a arma, de sorte a fazê-lo apontar mal**, porquanto, uma vez disparada a arma, o projétil segue a linha que tem de percorrer.”

529 a) – *Podem os Espíritos que dirigem os acontecimentos terrenos ter obstada sua ação por Espíritos que queiram o contrário?*

“**O que Deus quer se executa**. Se houver demora na execução, ou lhe surjam obstáculos, é porque ele assim o quis.” (16)

Por outro lado, em catástrofes naturais ou mesmo nas provocadas pelo próprio homem, várias pessoas, por ocorrências banais (provável ação dos Espíritos), são retiradas ou impedidas de irem à cena do evento.

Um exemplo que temos na memória foi o ataque terrorista às duas torres gêmeas do *World Trade Center*, em New York, acontecido na manhã do dia 11 de setembro de 2001, onde morreram 2.753 indivíduos (17).

Em depoimentos, algumas pessoas disseram que não foram trabalhar por certos detalhes que lhes aconteceram no fatídico dia: não achou a chave do carro, perdeu o ônibus, demorou a encontrar um táxi, até ocorreu que um pai morto apareceu à filha, etc.

Esse último prova a interferência direta do plano espiritual, o que de certa forma, apesar do benefício a essa possível vítima, s.m.j., tolheu-lhe o livre-arbítrio, no sentido de influenciá-lo a fazer algo que não estava no plano inicial.

Na pergunta 459 de **O Livro dos Espíritos**, Allan Kardec indaga aos Espíritos Superiores: *“Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?”*. Obteve como resposta: *“Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, **são eles que vos dirigem.**”* ⁽¹⁸⁾

Se, como aqui colocado, “de ordinário os Espíritos nos dirigem”, então não é impróprio concluir que realmente não somos tão livres quanto supomos ser, porquanto, muitas de nossas ações podem ser apenas reflexos de suas interferências em

nossos pensamentos e, por conseguinte, em nossas vidas.

Não resta dúvida a nenhum de nós a ação dos Espíritos maus em nossas vidas; porém, pelo teor da resposta, que não restringiu somente a eles a condição de nos dirigirem, podemos estendê-la, também aos Espíritos bons, que, visando o nosso progresso espiritual, às vezes interferem, segundo acreditamos, estorvando nosso livre-arbítrio a favor de nós mesmos, já que ainda não temos completa noção de nossa responsabilidade perante certos acontecimentos em nossa vida.

Especificamente, quanto aos Espíritos maus, algo interessante consta em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Cap. XXVII, “Preces Espiritas”, no exemplo de prece pelos obsidiados:

O auxílio destes se faz indispensável, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque aí **não raro o paciente perde a vontade e o livre-arbítrio.** ⁽¹⁹⁾

Se os Espíritos maus podem tolher o nosso livre-arbítrio, por que motivo os Espíritos bons

também não poderiam, quando precisassem nos ajudar?

No mesmo sentido, encontramos na resposta à pergunta 501, de **O Livro dos Espíritos**, a qual transcrevemos:

Por que é oculta a ação dos Espíritos sobre a nossa existência e por que, quando nos protegem, não o fazem de modo ostensivo?

“Se vos fosse dado contar sempre com a ação deles, não obraríeis por vós mesmos e o vosso Espírito não progrediria. Para que este possa adiantar-se, precisa de experiência, adquirindo-a frequentemente à sua custa. É necessário que exercite suas forças, sem o que, seria como a criança a quem não consentem que ande sozinha. **A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira que não vos tolha o livre-arbítrio**, porquanto, se não tivésseis responsabilidade, não avançaríeis na senda que vos há de conduzir a Deus. Não vendo quem o ampara, o homem se confia às suas próprias forças. Sobre ele, entretanto, vela o seu guia e, de tempos a tempos, lhe brada, advertindo-o do perigo.”⁽²⁰⁾

A afirmação aqui destacada nos pareceu contrária à anterior (pergunta 459), sendo no sentido

de que os Espíritos Superiores nada fazem que venha a tolher o nosso livre-arbítrio. Ora, os casos que apresentamos aqui, nesse estudo, nos apontam na direção de que interferem, sim.

Ainda resta-nos apresentar o que encontramos em **O Livro dos Médiuns**. É o que faremos agora, transcrevendo:

1) Item 128, questão 11, onde se vê esta resposta de São Luís:

11. Suponhamos que ele [um Espírito] quisesse fazer uma substância venenosa e que uma pessoa a tomasse. Ficaria envenenada?

– O Espírito poderia fazê-la, mas não a faria porque **isso não lhe é permitido**.⁽²¹⁾

Parece-nos óbvio que se a um determinado Espírito não é permitido fazer algo, significa que ele foi tolhido de fazer o que desejava, portanto, não pode exercer o seu livre-arbítrio.

2) Item 231, cap. XXI, “Influência do meio”, destacamos o seguinte trecho:

2. Os Espíritos superiores não podem vencer a má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e dos que o cercam?

– **Sim, quando o julgam útil**, e segundo a intenção da pessoa que os consulta. Já o dissemos: os Espíritos mais elevados podem às vezes comunicar-se, para um auxílio especial, malgrado a imperfeição do médium e do meio, mas, então, estes lhe permanecem completamente alheios. ⁽²²⁾

A não ser que estejamos equivocados, isso vem justamente corroborar o que dissemos, ou seja, que um Espírito superior vence a má vontade do médium, ou seja, se impõe, quando julgar útil a sua manifestação.

Esse fato pode ser corroborado com a nota do Codificador a respeito de uma manifestação espontânea de Jean-Jacques Rousseau, conforme consta na **Revista Espírita 1861**, mês de agosto:

O médium está ocupado com coisas muito estranhas ao Espiritismo; dispunha-se a escrever para assuntos pessoais, **quando uma força invisível o constrangeu a escrever** o que se segue, **apesar de seu desejo de prosseguir o trabalho começado**. É o que explica o início da comunicação:

“Eis-me, embora não me chames. Venho falar-te de coisas muito estranhas às tuas preocupações. Eu sou o Espírito de Jean-Jacques Rousseau. Esperei por muito tempo a ocasião para me comunicar contigo. Escutai-me, pois.” (23)

Da mensagem só transcrevemos o primeiro parágrafo, uma vez que ele tem a ver com a explicação de Allan Kardec.

Na **Revista Espírita 1866**, na mensagem “Do consentimento à prece”, assinada “Um Espírito”, temos a seguinte explicação:

Há, certamente, leis gerais às quais o homem está fatalmente submetido; mas é um erro crer que as menores circunstâncias da vida são detidas, por antecipação, de maneira irrevogável; se fosse assim, o homem seria uma máquina sem iniciativa, e, conseqüentemente, sem responsabilidade. **O livre-arbítrio é uma das prerrogativas do homem**; desde o instante em que é livre de ir à direita ou à esquerda, de agir segundo as circunstâncias, seus movimentos não são regulados como os de uma máquina. [...].

O homem tem, pois, um círculo no qual pode se envolver livremente; essa liberdade de ação tem por limites as leis da Natureza, que ninguém pode superar; ou melhor dizendo, essa liberdade, na esfera de atividade onde ela se exerce, faz

parte dessas leis; [...]. ⁽²⁴⁾

Em suma, podemos também considerar como limite do nosso livre-arbítrio as Leis da Natureza e, certamente, aquilo que está na vontade de Deus, já que a ela indistintamente todos nós estamos submetidos.

Do artigo “A ciência da concordância dos números e a fatalidade” publicado na **Revista Espírita 1868**, mês de julho, destacamos o seguinte trecho:

Mas, dir-se-á, se os acontecimentos que decidem a sorte da Humanidade, de uma nação, de uma tribo, têm seus vencimentos regulados por uma lei numérica, **é a consagração da fatalidade, e, então, em que se torna o livre-arbítrio do homem?** O Espiritismo estaria, pois, no erro quando diz que nada é fatal, e que o homem é o senhor absoluto de suas ações e de sua sorte?

Para responder a esta objeção, é-nos preciso tomar a questão de mais alto. Dizemos primeiro que **o Espiritismo jamais negou a fatalidade de certas coisas**, e que, ao contrário, sempre a reconheceu; mas ele diz que **essa fatalidade não entrava o livre-arbítrio**; o que é fácil de demonstrar.

Todas as leis que regem o conjunto dos

fenômenos da Natureza têm consequências necessariamente fatais, quer dizer, inevitáveis, e esta fatalidade é indispensável à manutenção da harmonia universal. **O homem, que sofre essas consequências, está, pois, em certos aspectos, submetido à fatalidade em tudo o que não depende de sua iniciativa;** assim, por exemplo, ele deve fatalmente morrer: é a lei comum à qual não pode se subtrair, e, em virtude desta lei, pode morrer em toda idade, quando sua hora é chegada; mas se ele apressa voluntariamente a sua morte pelo suicídio ou por seus excessos, ele age em virtude de seu livre-arbítrio, porque ninguém o pode constranger a fazê-lo. Ele deve comer para viver: é da fatalidade; mas se come além do necessário, pratica ato de liberdade.

O prisioneiro, em sua cela, está livre para se mover à sua vontade no espaço que lhe é concedido; mas os muros que não pode ultrapassar são para ele a fatalidade que lhe restringe a liberdade. A disciplina é para o soldado uma fatalidade, porque ela o obriga a atos independentes de sua vontade, mas dela não está menos livre em suas ações pessoais das quais é responsável. Assim ocorre com o homem na Natureza; **a Natureza tem suas leis fatais que lhe opõem uma barreira, mas ao lado da qual pode se mover à vontade.**

Por que Deus não deu ao homem uma liberdade completa? Porque Deus é como um pai providente que limita a liberdade de seus filhos ao grau de sua razão e do uso que dela podem fazer. Se os homens já se servem tão mal

daquela que lhes é dado, que não sabem governar a si mesmos, que seria se as leis da Natureza estivessem ao seu julgamento, e se elas não lhes opusessem um freio salutar!

O homem pode, pois, ser livre em suas ações, apesar da fatalidade que preside ao conjunto; é livre em uma certa medida, no limite necessário para lhe deixar a responsabilidade de seus atos; se, em virtude dessa liberdade, ele perturba a harmonia pelo mal que faz, se coloca um ponto de parada à marcha providencial das coisas, ele é o primeiro a sofrer por isto, e como as leis da Natureza são mais fortes do que ele, acaba por ser arrastado na corrente; ele sente, então, a necessidade de reentrar no bem, e tudo retoma o seu equilíbrio; de sorte que o retorno ao bem é ainda um ato livre, embora provocado, mas não imposto, pela fatalidade.

O impulso dado pelas leis da Natureza, assim como os limites que elas colocam, são sempre bons, porque a Natureza é a obra da sabedoria divina; a resistência a essas leis é um ato de liberdade, e essa resistência arrasta sempre o mal; o homem, estando livre para observar ou infringir essas leis, no que toca à sua pessoa, é, pois, livre para fazer o bem ou o mal; se ele pudesse ser fatalmente levado a fazer o mal, essa fatalidade não podendo vir senão de uma força superior a ele, Deus seria o primeiro a infringir as suas leis.

[...].

[...] é permitido supor que todas as eventualidades que parecem ser o efeito do acaso,

na vida individual, como na dos povos e da Humanidade, são reguladas por leis numéricas, e o que falta para reconhecê-las é poder abarcar com um golpe de vista uma massa mais considerável de fatos, e um espaço de tempo suficiente.

Pela mesma razão não haveria nada de absolutamente impossível em que o conjunto dos fatos de ordem moral e metafísica estivesse igualmente subordinados a uma lei numérica, cujos elementos e as bases nos são, até aqui, totalmente desconhecidos. Em todos os casos, vê-se pelo que precede, que essa lei, ou querendo-se, essa fatalidade do conjunto, não anularia, de nenhum modo, o livre-arbítrio; é o que nos propusemos demonstrar. **O livre-arbítrio, não se exercendo senão sobre os pontos isolados do detalhe**, não entraria mais o cumprimento da lei geral, quanto a irregularidade do lance de cada número não entrava a repartição proporcional desses mesmos números sobre um certo número de lances. O homem exerce o seu livre-arbítrio na pequena esfera de sua ação individual; essa pequena esfera pode estar na confusão, sem que isto impeça de gravitar no conjunto, segundo a lei comum, do mesmo modo que os pequenos redemoinhos causados nas águas de um rio, pelos peixes que se agitam, não impedem a massa das águas seguir o curso forçado que a lei da gravidade lhes imprime.

Tendo o homem o seu livre-arbítrio, a fatalidade não está em nada em suas ações individuais; quanto aos acontecimentos da vida privada que parecem, às vezes, atingi-lo fatalmente, eles têm

duas fontes bem distintas: uns são a consequência direta de sua conduta na existência presente; muitas pessoas são infelizes, doentes, enfermas por sua falta; muitos acidentes são o resultado da imprevidência; ele não pode, pois, atribuí-los senão a si mesmo, e não à fatalidade, ou, como se diz, à sua má estrela. Os outros são inteiramente independentes da vida presente, e parecem, por isto mesmo, cheios de uma certa fatalidade; mas ainda aqui o Espiritismo nos demonstra que essa fatalidade não é senão aparente, e que certas posições penosas da vida têm sua razão de ser na pluralidade das existências. O Espírito as escolheu voluntariamente na erraticidade antes de sua encarnação, como provas para seu adiantamento; elas são, pois, o produto de seu livre-arbítrio e não da fatalidade. Se algumas vezes elas são impostas, como expiação, por uma vontade superior, e ainda em consequência das más ações voluntariamente cometidas pelo homem numa precedente existência, e não como consequência de uma lei fatal, uma vez que não teria podido evitá-las, agindo de outro modo.

A fatalidade é o freio imposto ao homem, por uma vontade superior a ele, e mais sábia do que ele, em tudo o que não é deixado à sua iniciativa; mas ela não é jamais um entrave no exercício de seu livre-arbítrio no que toca às suas ações pessoais. Ela não pode mais impor o mal do que o bem; desculpar uma ação má qualquer pela fatalidade, ou, como se diz frequentemente, pelo destino, seria abdicar o julgamento que Deus lhe deu para pesar o pró e o contra, a oportunidade ou a inoportunidade, as

vantagens ou os inconvenientes de cada coisa. Se o acontecimento está no destino de um homem, ele se cumprirá apesar de sua vontade, e será sempre para o seu bem; mas as circunstâncias do cumprimento dependem do uso que faz de seu livre-arbítrio, e, frequentemente, pode fazer voltar em seu detrimento o que deveria ser um bem, se age com imprevidência, e se se deixar arrastar por suas paixões. Engana-se mais ainda se toma seu desejo ou os desvios de sua imaginação por seu destino. (Ver *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, nº 1 a 11.) ⁽²⁵⁾

Portanto, ficou bem claro que Deus não deu ao homem uma liberdade completa.

Obras posteriores às da Codificação

Inicialmente, é oportuno trazermos as considerações de Léon Denis (1846–1927) contidas em **Depois da Morte** (1891), uma vez que ele refere à questão da vontade de Deus, mencionada como plano divino:

A liberdade do ser se exerce, portanto, dentro de um círculo limitado: de um lado, pelas exigências da lei natural, que não pode sofrer alteração alguma e mesmo nenhum desarranjo na ordem do mundo; de outro, por seu próprio passado, cujas consequências lhe refluem através dos tempos, até à completa reparação. **Em caso algum o exercício da liberdade humana pode obstar à execução dos planos divinos; do contrário a ordem das coisas seria a cada instante perturbada.** ⁽²⁶⁾

Levando-se em conta que a vontade de Deus se cumpre acima de todos e de tudo, o constrangimento ocorrerá em todas as situações que, de forma direta ou indireta, venham a dar

algum resultado fora daquilo que Deus programou.

Quanto à questão do livre-arbítrio, vejamos o que Léon Denis em mais duas obras:

1ª) Em ***O Problema do Ser, do Destino e da Dor*** (1908), no cap. XXII, fala a respeito:

O Espírito só está verdadeiramente preparado para a liberdade no dia em que as leis universais, que lhe são externas, se tornem internas e conscientes pelo fato de sua evolução. No dia em que ele se penetrar da lei e fizer dela a norma de suas ações, terá atingido ponto moral em que o homem se possui, domina e governa a si mesmo. Daí em diante já não precisará do constrangimento e da autoridade sociais para corrigir-se. E dá-se com a coletividade o que se dá com o indivíduo. [...]. ⁽²⁷⁾

2ª) Em ***O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*** (1927, publicação póstumas), continua a desenvolver o assunto:

No início da sua imensa trajetória, o ser ignorante, inexperiente, é **submetido firmemente às leis universais que comprimem e limitam a sua ação.** É o período inferior. Mas, à medida que se eleva na escala dos mundos, o seu livre-

arbítrio adquire uma amplitude sempre maior até que, tendo **atingido as alturas celestes**, seu pensamento, sua vontade, suas vibrações fluídicas se acham em harmonia perfeita, isto é, em sincronismo com o pensamento e a vontade divina; **seu livre-arbítrio é definitivo, porque ele não pode mais falhar.**

Àqueles que exigem axiomas ou fórmulas científicas pode-se dizer: **o livre-arbítrio está, para cada um de nós, em relação direta com as perfeições conquistadas;** o determinismo está em razão inversa com o progresso de evolução. ⁽²⁸⁾

Entendemos, que, diante de várias explicações que vimos, para elaborar esse estudo, destaque para essas de Léon Denis, ficou claro que somente os Espíritos puros possuem livre-arbítrio pleno.

Em ***A Alma é Imortal*** (1897), Gabriel Delanne (1857-1926) esclarece-nos que:

“[O homem] possui um **livre-arbítrio proporcional** ao número de suas encarnações dependendo a sua responsabilidade do grau do seu adiantamento moral e intelectual. [...]. ⁽²⁹⁾

Destacamos que para Gabriel Delanne o livre-arbítrio é proporcional ao nosso nível evolutivo,

pensamento esse que nos alinhamos.

Em ***Nicodemos ou A Imortalidade e o Renascimento*** (1897), o autor José Amigó y Pellícer, D. (?), frequentador do Círculo Cristiano Espiritista de Lérida, na Espanha, diz o seguinte:

O livre-arbítrio é também relativo, como tudo aquilo que possui a criatura em sua natureza finita e imperfeita. **Nossa liberdade está de acordo com a elevação de nosso espírito**: apenas perceptível nos albores de nossa consciência, vai dilatando sua atividade à medida em que o espírito alarga seus horizontes, resultando daí os diferentes graus de responsabilidade segundo os sucessivos conceitos do dever. **Quanto mais puro for o espírito, mais livre o será: e quanto mais livre, mais responsável perante a lei.** [...] (30)

Portanto, fica corroborado que somente os Espíritos puros têm livre-arbítrio pleno.

O escritor Wilson Czerski, fundador da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Paraná - ADE-PR, em sua obra ***Destino: Determinismo ou Livre-arbítrio?*** (2011), aborda a questão da seguinte forma:

O tolhimento ao exercício pleno do livre-arbítrio ocorre externa e internamente. No primeiro caso se faz presente nos determinismos planetário, social, climático, econômico. No segundo, pelo determinismo biológico, na fatalidade gerada pelas próprias escolhas antes de reencarnar; nas consequências originárias da lei de causa e efeito que se impõem muitas delas compulsoriamente e, mais sutilmente, no número restrito e mesmo inexistente de opções.

Para alguns há ainda o determinismo psicológico ou do caráter, temperamento, preferência, impulsos e experiências vivenciadas que caracterizam a personalidade. E mais nas influências dos hábitos, da moda etc. Ou seja, fatores que afetam a vida do indivíduo e não estariam sob seu controle. Em resumo diríamos que se trata do conteúdo de nossa bagagem palingenética e evolutiva. [...]. ⁽³¹⁾

São considerações bem interessantes que nos explicam que, realmente, o nosso livre-arbítrio não é pleno, como na maioria das vezes pensamos ser.

Por outro lado, fatores externos podem nos levar a aceitar alguma ideia ou pensamento que propriamente não se pode dizer que foi uma escolha nossa, mas sim de outras pessoas:

[...] **embora teoricamente sejamos livres para escolher a religião que mais nos convém, nem sempre isso acontece.** Há a influência familiar – pais e cônjuges –, dos amigos. E uma vez tornados adeptos, no mais das vezes, somos conduzidos realmente como um rebanho pelos líderes até o ponto do sacrifício físico (flagelações, peregrinações, jejuns e abstinências, inclusive sexual, e até da própria vida), econômicas (dízimos ou muito além dele), sociais (hábitos, rejeição a outros grupos), psicológicos e morais. **Em certos casos há evidente manipulação da inteligência e exploração fanática.** ⁽³²⁾

Muitas pessoas, mesmo enquadrando-se em algumas situações do contexto acima, dirão que escolheram livremente a sua religião.

Em **O Consolador** (1941), Emmanuel, nas questões 132 e 133, discorre sobre determinismo e livre-arbítrio:

132 – Há o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na existência humana?

– Determinismo e livre-arbítrio coexistem na vida, entrosando-se na estrada dos destinos, para a elevação e redenção dos homens.

O primeiro é absoluto nas mais baixas camadas evolutivas e o segundo amplia-se com os valores

da educação e da experiência. Acresce observar que **sobre ambos pairam as determinações divinas, baseadas na lei do amor, sagrada e única, [...].**

[...].

Estabelecida a verdade de que o homem é livre na pauta de sua educação e de seus méritos, na lei das provas, cumpre-nos reconhecer que o próprio homem, à medida que se torna responsável, organiza o determinismo da sua existência, agravando-o ou amenizando-lhe os rigores, até poder elevar-se definitivamente aos planos superiores do Universo.

133 – *Havendo o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na vida humana, como compreender a palavra dos guias espirituais quando afirmam não lhes ser possível influenciar a nossa liberdade?*

Não devemos esquecer que falamos de expressão corpórea, em se tratando do determinismo natural, que prepondera sobre os destinos humanos.

A subordinação da criatura, em suas expressões do mundo físico, é lógica e natural nas leis das compensações, dentro das provas necessárias, mas, no íntimo, zona de pura influência espiritual, o homem é livre na escola do seu futuro caminho. Seus amigos do invisível localizam aí o santuário da sua independência sagrada.

Em todas as situações, o homem educado pode

reconhecer onde falam as circunstâncias da vontade de Deus, em seu benefício, e onde falam as que se formam pela força da sua vaidade pessoal ou do seu egoísmo. Com ele, portanto, estará sempre o mérito da escolha, nesse particular. ⁽³³⁾

Então, segundo Emmanuel, só exercemos o livre-arbítrio na escolha do futuro caminho, já que muito dos nossos sofrimentos e dificuldades atuais já são efeitos do seu uso em outras existências; por isso, torna-se, para nós, um determinismo.

Porém, temos que levar em conta que as leis de Deus e a Sua vontade prevalecem sobre todos nós, não temos liberdade de agir no sentido contrário delas.

Em **Nosso Lar** (1944), pela psicografia de Chico Xavier (1910–2002), encontramos a mãe do Espírito André Luiz dizendo-lhe algo interessante:

Minha mãe sorriu, algo triste, e obtemperou:

– Há reencarnações que funcionam como drásticos. Ainda que o doente não se sinta corajoso, existem amigos que o ajudam a sorver o remédio santo, embora muito amargo.

Relativamente à liberdade irrestrita, a alma pode invocar esse direito somente quando compreenda o dever e o pratique. Quanto ao mais, é indispensável reconhecer que o devedor é escravo do compromisso assumido. Deus criou o livre-arbítrio, nós criamos a fatalidade. É preciso quebrar, portanto, as algemas que fundimos para nós mesmos. ⁽³⁴⁾

O escritor espírita José Martins Peralva (1918-2007), em ***O Pensamento de Emmanuel*** (1971), deixa claro a maneira como pensa sobre o tema:

O livre-arbítrio não é absoluto, mas, sim, relativo – relativo à posição ocupada pelo homem na escala dos valores espirituais.

Léon Denis, reportando-se ao livre-arbítrio, declara:

“O primeiro uso que o homem fizesse da liberdade absoluta seria para afastar de si as causas do sofrimento e para se assegurar, desde logo, uma vida de felicidade.”

O conceito de Léon Denis exalta a sabedoria divina, ao graduar o livre-arbítrio, por cujo bom uso pode o homem fugir a provas e experiências pré-escolhidas, ou, então, superá-las evangelicamente, vencendo-as. ⁽³⁵⁾

A declaração de Léon Denis foi retirada da obra

Depois da morte.

Na revista digital **O Consolador nº 122**, de 30/08/2009, foi publicado o artigo “O acaso não existe; a vida é causal, não casual”, de Angélica Reis, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Kardec fez, na *Revista Espírita* de 1866, pp. 167 a 171, interessantes observações a propósito de uma tentativa de assassinato de que fora vítima o czar Alexandre da Rússia (foto). No momento do atentado, um jovem camponês chamado Joseph Kommissaroff interveio, evitando que o crime fosse consumado.



Eis o que Kardec escreveu sobre o assunto:

1) Muitos atribuirão ao acaso o surgimento do jovem camponês na cena do crime. O acaso, porém, não existe. Como a hora do czar não havia chegado, o moço foi escolhido para impedir a realização do crime, pois as coisas que parecem efeito do acaso estavam combinadas para levar ao resultado esperado.

2) Os homens são os instrumentos inconscientes dos desígnios da Providência e é por eles que ela os realiza, sem haver necessidade de recorrer para tanto a prodígios.

3) Se o jovem Kommissaroff tivesse resistido ao

impulso recebido dos Espíritos, estes se valeriam de outros meios para frustrar o crime e preservar a vida do czar.

4) Uma mosca poderia picar a mão do assassino e desviá-la do seu objetivo; uma corrente fluídica dirigida sobre seus olhos poderia ofuscá-lo e assim por diante. Mas, se tivesse soado a hora fatal para o imperador russo, nada poderia preservá-lo.

Levado o caso a uma sessão espírita realizada na casa de uma família russa residente em Paris, o Espírito de Moki, por meio do Sr. Desliens, explicou que mesmo na existência do mais ínfimo dos seres nada é deixado ao acaso. Os principais acontecimentos de sua vida são determinados por sua provação; os detalhes, influenciados por seu livre-arbítrio. Mas o conjunto da situação foi previsto e combinado antecipadamente por ele e por aqueles que Deus predispôs à sua guarda. ⁽³⁶⁾

Fica bem claro que o livre-arbítrio do indivíduo que pretendia matar o czar Alexandre da Rússia foi tolhido que, por ação dos Espíritos, não pôde realizar o que havia planejado.

Frequentemente são eles que vos dirigem

Nosso entendimento é que a vontade de Deus sobrepõe à de qualquer uma de suas criaturas, e em razão disso, dependendo do que desejamos fazer, o nosso livre-arbítrio pode ser “tomado”, a nosso benefício, ou seja, para não nos comprometermos ainda mais perante as leis divinas e, acima de tudo, para que se cumpra o desejo de Deus.

Em **No Mundo Maior** (1947), encontramos duas situações nas quais julgamos não ser respeitado o livre-arbítrio dos envolvidos.

A primeira, no capítulo 13 – Psicose afetiva, trata do caso de Antonina, que, por desilusão amorosa, decide dar cabo à sua vida. Só não o consegue graças à intervenção do assistente Calderaro que, na noite em que ela pretendia se suicidar, a submeteu a um passe magnético, levando-a a uma hipnose profunda, o que fez com que sua alma emancipasse; e, nesse momento,

foram levados a seu encontro dois Espíritos – o de sua mãe e o de um amigo de longas eras –, que a aconselharam a desistir da ideia. Após acordar, já mais disposta e com outro ânimo, ela não mais pensava no assunto, resolvendo carregar a sua cruz.

A segunda, no capítulo 14 – Medida salvadora, o envolvido foi Antídio, em que Calderaro lhe impôs, como medida drástica, uma enfermidade pela qual ficaria preso ao leito por alguns meses, para evitar que ele fosse parar num hospício, dado que o alcoolismo de que era uma infeliz vítima fazia-o “delirar” ao se libertar um pouco do corpo e, com isso, ter contato com algumas entidades que o atormentavam e o utilizavam como uma “taça viva”. Essa ação de Calderaro foi movida em atenção às intercessões da esposa e dos dois filhos de Antídio.

Acreditamos que em ambos os casos o livre-arbítrio dos envolvidos foi tolhido a bem deles mesmos, claro. Julgamos que, com mais forte razão, isso acontecerá todas as vezes em que estiver em jogo o interesse coletivo.

Na obra **Ação e Reação** (1957), vamos

encontrar personagem Ildeu. Ele é casado com Marcela, com a qual tiveram três filhos: Roberto, Sônia e Márcia. O chefe da casa, se deixou levar pelos encantos de Mara, moça leviana e inconsequente, que tudo fazia para que a esposa o abandonasse. Ildeu que não mais suportando a convivência com a esposa, por conta do envolvimento com Mara, planeja algo sinistro. Vejamos o relato:

Refletia, refletia...

Ainda assim, não renunciava ao carinho de Mara, cuja dominação lhe empolgava o sentimento enfermiço.

Fosse onde fosse, registrava-lhe a influência sutil, a desfibrar-lhe o caráter e a dobrar-lhe a cerviz de homem que, até encontrá-la, fora honrado e feliz. Por vezes, tentava subtrair-se-lhe ao jugo, mas debalde.

Marcela apresentava o semblante da disciplina que lhe competia observar e da obrigação que lhe cabia cumprir, quando Mara, de olhos em fogo, lhe acenava à liberdade e ao prazer.

Foi assim que **lhe nasceu no cérebro doentio uma ideia sinistra: assassinar a esposa, escondendo o próprio crime, para que a morte dela aos olhos do mundo passasse como sendo autêntico suicídio.**

Para isso alteraria o roteiro doméstico.

Procuraria abolir o regime de incompreensão sistemática, daria tréguas à irritação que o senhoreava e **fingiria ternura para ganhar confiança... E, depois de alguns dias, quando Marcela dormisse, despreocupada, desfechar-lhe-ia uma bala no coração, despistando a própria polícia.**

[...].

Na aparente calma que sustentava, Ildeu, embora sorrisse, exteriorizava ao nosso olhar o inconfessável projeto, armando mentalmente o quadro criminoso, detalhe por detalhe.

Para defender Marcela, porém, cuja existência era amparada pela Mansão que representávamos, o Assistente reforçou na casa o serviço de vigilância.

Dois companheiros nossos, zelosos e abnegados, alternativamente ali passaram a velar, dia e noite, de modo a entravar o pavoroso delito.

Achávamo-nos, certa feita, em atividade assistencial ao pé de alguns doentes, quando o irmão em serviço veio até nós, comunicando, inquieto, a precipitação dos acontecimentos.

De alma aturdida pela influência de homicidas desencarnados que lhe haviam percebido os pensamentos expressos, intentaria **Ildeu aniquilar a companheira naquela mesma noite.**

Silas não vacilou. Demandamos, de imediato, a casa singela em que se reunia a equipe doméstica

atormentada.

Dispondo da extensa autoridade de que se achava investido, **o nosso orientador**, empregando o concurso de entidades amigas, em rotina de trabalho nas vizinhanças, **inicialmente baniu os alcoólatras e delinquentes desencarnados que ali se acolhiam.**

Apesar da providência, o plano infernal na cabeça de nosso pobre amigo evidenciava-se integralmente maduro.

A madrugada ia alta.

Com o coração precípito, relanceando o olhar medroso pelas paredes nuas do gabinete em que examinava o pente de uma pistola qual se nos adivinhasse a presença, **o chefe da família revelava-se disposto à consumação do ato execrável.**

Revestindo-lhe todo o cérebro, surgia a cena do assassinio, calculadamente prevista, movimentando-se em surpreendente sucessão de imagens...

Oh! se as criaturas encarnadas tivessem consciência de como se lhes exteriorizam as ideias, certamente saberiam guardar-se contra o império do crime!

O irrefletido pai pensava demandar o aposento dos filhos, para trancá-los à chave, de maneira a evitar-lhes o testemunho, quando **Silas, de improviso, avançou para o leito das meninas** e, utilizando os recursos magnéticos de que dispunha, **chamou a pequena Márcia, em corpo**

espiritual, a rápida contemplação dos pensamentos paternos.

A criança, em comunhão com o quadro terrível, experimentou tremendo choque e retornou, de pronto, ao veículo físico, bradando, desvairada, como quem se furtasse ao domínio de asfixiante pesadelo:

– **Papai!... Paizinho! Não mate! Não mate!...**

Ildeu, a esse tempo, já se encontrava à porta, sustendo a arma na destra e tentando manobrar a fechadura com a mão livre.

Os gritos da menina ecoaram em toda a casa, provocando alarido.

Marcela, num átimo, pôs-se de pé, surpreendendo o marido ao pé da filha, e, junto deles, o revólver augurando maus presságios.

A mulher bondosa e incapaz de suspeitar das intenções dele, **recolheu cautelosamente a arma e, crendo que o esposo pretendia suicidar-se**, implorou em pranto:

– **Oh! Ildeu, não te mates!** Jesus é testemunha de que tenho cumprido retamente todos os meus deveres... Não quero o remorso de haver cooperado para semelhante desatino, que te lançaria entre os réprobos das leis de Deus!... Proceda como quiseres, mas não te despenhes no suicídio. Se é de tua vontade, monta nova casa em que vivas com a mulher que te faça feliz... Consagrarei minha existência aos nossos filhos. Trabalharei, conquistando o pão de nossa casa com o suor de meu rosto... entretanto, suplico, não

te mates!...

A generosa atitude daquela mulher sensibilizava-nos até as lágrimas.

O próprio Ildeu, não obstante o sentimento empedernido, sentia-se tocado de piedade, agradecendo, no íntimo, a versão que a esposa, digna e abnegada, oferecia aos acontecimentos, cuja direção não conseguira prever.

E, encontrando a escapatória que, de há muito, buscava, longe de ouvir os brados da consciência que o concitavam à vigilância, exclamou, à feição de vítima:

– Realmente, não posso mais... Agora, para mim, só restam dois caminhos, suicídio ou desquite...

Marcela, com o auxílio do Assistente, descarregou o revólver, reconduziu as crianças ao sono e deitou-se, atribulada. Nos olhos tristes, lágrimas borbulhavam na sombra, enquanto orava, súplice, na torturada quietude do seu martírio silencioso: – “Ó meu Deus, compadece-te de mim, pobre mulher desventurada!... que fazer, sozinha na luta, com três crianças necessitadas?...” ⁽³⁷⁾

A ação do instrutor Silas, provocando o despertar da criança que deu um grito e com isso acordou a mãe, antes que o tresloucado marido a matasse é mais um caso que prova que nosso livre-arbítrio tem como limite a Lei ou a vontade de

Deus.

Na obra ***Entre os Dois Mundos*** (2004), ditada pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, via psicografia de Divaldo Pereira Franco, temos um caso que merece ser citado.

É o do advogado Dr. Marco Aurélio, um exímio criminalista. Ele tinha hipertensão arterial, mas não se cuidava; estava com a mulher enferma, que se lhe tornou um estorvo; ele passou a vê-la “*como um fardo exaustivo*”, que a morte natural não arrebatava. E começou a pensar seriamente e dar uma “ajudinha”, para que ela voltasse mais rapidamente ao mundo espiritual. Numa noite, consagrada à folia carnavalesca, pensou em realizar seu plano, vejamos a narrativa:

Esta é a noite ideal para libertar-me do fardo infeliz. Um pouco de arsênico e tudo estará resolvido. Com a onda festiva, não há tempo para análises cuidadosas da *causa mortis* da enferma, já desgastada pelos sucessivos derrames cerebrais de que tinha sido vítima... ⁽³⁸⁾

Tomou de um pequeno vidro, que trazia no bolso, com a substância letal e, insuflado pelo obsessor que lhe impunha a ordem de uxoricídio,

derramou-o em um copo, predispondo-se a levá-lo aos lábios da enferma, que o fixava com os olhos brilhantes, como se o Espírito soubesse o que estava acontecendo. E em realidade sabia-o. Sem poder mover-se, a expressão de dor e de angústia era estarecedora. Ele olhou-a casualmente e não pode sopitar o desespero, informando-a, nervoso, mas sem hesitação:

– Isso acabará logo. Não irá doer.

A um sinal da genitora do tresvariado, o **Dr. Arquimedes** [ambos desencarnados] **enviou-lhe alta carga de energia, que encontrou guarida no chakra cardíaco, fazendo-lhe o coração disparar, aumentando o bombeamento de sangue para o cérebro.** [...] As sucessivas cargas de vibração que eram absorvidas pelo coração aceleravam a circulação do sangue e os capilares cerebrais entumeceram, as artérias dilataram-se, e trêmulo, com a visão embaçada, ele **levou a mão ao peito, rolando ao chão,** quebrando o copo, derramando o líquido terrível, **contorcendo-se e desenvolvendo uma íctus cerebral.** ⁽³⁹⁾

Para não permitir que o advogado criminal envenenasse a sua esposa, a providência tomada pelos Espíritos foi a de, por ação magnética, provocar-lhe um ataque cerebral (AVC). Claro fica que houve, sim, intervenção no livre-arbítrio.

Vejamos o desenrolar da conversa entre

Miranda e os seus instrutores:

Num momento, que nos pareceu próprio, interroguei o prestimoso Mentor:

– Ainda não me houvera ocorrido que procedesse do mundo espiritual uma terapia tão vigorosa, quanto a que fora aplicada no aturdido advogado. Isso acontece com frequência?

Sempre afável, ele respondeu:

– Miranda, não devemos esquecer que o mundo espiritual, na sua causalidade, sempre é o agente de todas as ocorrências que têm lugar no orbe terrestre. Direta ou indiretamente, as ações que daqui procedem refletem-se na esfera física, seja **mediante a interferência dos Espíritos desencarnados em aflição ou em estado de elevação**, como também por consequência dos compromissos anteriormente assumidos.

“Assim, sendo, podemos asseverar que a esfera física é o resultado da ressonância dos labores daqui procedentes.

“No caso em tela, como ocorre com outros de correspondente conteúdo, o amor de Deus adota a terapia da compaixão, dificultando a prática de atos ignóbeis através de distúrbios orgânicos naquele que marcha para um destino inditoso. Todos são beneficiados com impedimentos à prática do mal, nada obstante, têm a liberdade de realizá-la ou não oportunamente, não sendo impedidos na sua decisão.

[...] Para os transeuntes do corpo, essas

terapias salvadoras parecem desgraças, por somente verem o lado material da existência, enquanto que, em realidade, são salvadoras.”

– **Dentro desse raciocínio, podem os Benfeitores espirituais conduzir os pacientes rebeldes a uma desencarnação antecipada?**

– **Sem dúvida alguma! Não são poucas as existências humanas, que, para serem impedidas as sequências de disparates, têm o seu curso interrompido, assim,** beneficiando esses Espíritos rebeldes, teimosos e insanos. O mesmo ocorre em relação a alguns missionários do Bem, que empolgados pelas realizações executadas, desviam-se um pouco do ministério, passando a direcionar o trabalho para os impositivos dominantes da Terra. [...].

– E o restante do tempo? Como ficará?

– [...] A questão não se reduz ao período largo ou breve da realização edificante, já que não existe uma fatalidade a respeito da hora para a desencarnação das criaturas, mas um momento relativamente determinado. [...] O restante do tempo que deveria propiciar-lhe mais ensejo de realizações, fica transferido para outra oportunidade, quando então dará prosseguimento ao compromisso que sempre deve ser melhorado.

(⁴⁰)

Interessante é que sempre tivemos esse pensamento, ou seja, de que os Espíritos poderiam, caso necessário, antecipar a partida para o plano

espiritual de um encarnado que, cada vez mais, se comprometia perante a justiça divina. Então, sua partida mais cedo evitaria maiores infrações das Leis Divinas.

Essa explicação resolve a questão, dando-nos conta de que é possível, sim, que isso aconteça, mas, indiscutivelmente, sempre terá por objetivo primordial a evolução espiritual do envolvido e não um castigo.

Em ***Labirintos da Alma: Conflitos e Soluções*** (2014), a escritora prof.^a Aparecida Merci Spada Borges narra um caso curioso em que ocorreu a aparição tangível de um Espírito, vejamos:

Outro fato, digno de comentar, ocorreu com os irmãos Fábio e Francis na década de 1980. Moradores de uma grande cidade do interior paulista, ambos perfaziam diariamente um longo trajeto de carro para chegar à faculdade. Certa feita, retornando de madrugada, perceberam que um carro os seguia. Sem tempo de raciocinar, foram fechados e jogados contra a sarjeta de uma praça deserta, circundada de prédios comerciais, todos fechados àquela hora da noite. O carro vilão seguiu em alta velocidade. Os irmãos desceram e verificaram que não era possível tirar o carro dali

sem ajuda, pois uma das rodas entortou e ficou presa na lataria amassada. Entraram desolados no carro, agradecidos a Deus por não ter sido pior. Não sabiam o que fazer. Em casa, a mãe aguardava a volta dos filhos como sempre, o coração angustiado e a alma em prece.

Naquela hora da noite, em que não havia movimento algum, surgiu um senhor de cabelos grisalhos, aparentando terna jovialidade, aproximou-se carinhosamente dos jovens, colocou as mãos sobre seus ombros e, sem preâmbulos, exigiu que eles fugissem.

– Mas como? – perguntaram. – O senhor pode nos ajudar a sair daqui?

– Sim, meus filhos. Mas saiam, saiam imediatamente, prossigam a pé, eu os acompanharei. Eles pretendem voltar.

– Mas é longe e as ruas estão desertas!

– Imediatamente, sigam a pé. Ou melhor, corram e não olhem para trás.

Sem saber como, os jovens chegaram à sua casa, espavoridos e cansados de tanto correr. A mãe, preocupada, agradecida a Deus e àquela criatura que auxiliou seus filhos a retornar são e salvos. Mas os meninos estavam preocupados com o carro que ficara abandonado naquela praça erma. O pai, com bom senso, tranquilizou-os:

– De manha, de manhã, meus filhos, nós iremos até lá e tomaremos as providências necessárias. Agora descansem, vocês estão muito assustados, sem contar com o cansaço.

E assim o fizeram. Na manhã seguinte, que surpresa! O carro apresentava várias marcas de bala na lataria. Principalmente na direção do banco traseiro. Os rapazes agressores haviam voltado e certamente acreditaram que os jovens estavam dormindo lá. ⁽⁴¹⁾

Certamente, existem milhares de casos em que a ação de um Espírito, seja por influir no pensamento ou até mesmo agir materialmente, não permitiu que nenhum mal atingisse a alguém, cerceando, dessa forma, a ação, leia-se, livre-arbítrio, de quem tinha más intenções.

Julgamos oportuno também citar o livro **Trilhas da Libertação** (1996), autoria de Manoel Philomeno de Miranda, por ter algo que reflete o outro lado da moeda.

Ainda não terminara, quando deu entrada no recinto o médium, cercado de protetores encarnados, que o acolifavam com mesuras e delicadezas perfeitamente dispensáveis. O grupo de companheiros era assessorado por Espíritos semelhantes, trêfegos e zombeteiros, que se compraziam tomando parte no séquito inusitado.

Aproximei-me do caro Vicente que, compreendendo minhas interrogações silenciosas,

explicou:

– “Sim, aquele é o nosso amigo Davi, que se entregou à mediunidade, derrapando, todavia, lamentavelmente, no personalismo doentio e na presunção exacerbada, agora experimentando complexo problema de obsessão com destaque na área da conduta sexual. É o que sucede com frequência aos portadores de mediunidade, que se obstinam em desconhecer a Doutrina Espírita, que a todos propõe os programas saudáveis da moral e da iluminação íntima. Mediunidade sem Doutrina pode ser comparada a veículo sem freio avançando na direção do abismo. A mediunidade é sempre compromisso de redenção que o Espírito assume antes da reencarnação, especialmente aquela que tem expressão ostensiva, rica de possibilidades para a edificação do bem nos indivíduos. O nosso amigo Davi é consciente das responsabilidades que lhe dizem respeito no exercício mediúnico. Todavia, corrompeu-se, deixando-se subornar pelo dinheiro e presentes valiosos, que lhe despertaram velhas chagas morais do passado, então adormecidas, tais a vaidade, a soberba, a ingratidão e outras... Após vincular-se psicicamente a hábil cirurgião desencarnado, porém antigo cidadão de péssimos costumes, entregou-se aos tratamentos mediúnicos, sem nenhum respaldo evangélico para sustentar-lhe o comportamento ético. Vivendo a psicofera do companheiro atim e de outros comparsas, vem tombando no abuso das funções genésicas, asseverando que a mediunidade e a sua prática nada têm a ver com os prazeres atormentados do sexo sem amor...” (42)

[...] Espírito rebelde, porém, embora conduzido a uma Sociedade Espírita, permitiu-se a indisciplina e o abuso nas atitudes mais simples. Benfeitores Espirituais programados para colaborar com ele, junto aos necessitados, foram lentamente rechaçados nos seus propósitos superiores, por se negar com frequência aos exercícios de educação moral e emocional, sobrecarregando-se com o excesso de alimentos portadores de altas doses de toxinas e, sobretudo, cedendo espaço mental, de início, a vícios danosos que o retêm na ação perniciosa. **Com o tempo adicionou alcoólicos às atividades normais, impedindo o intercâmbio com aqueles nobres Instrutores, que jamais o abandonaram.** Como os espaços de toda natureza nunca permanecem vazios por muito tempo, não faltaram companheiros desencarnados ociosos e vulgares para acorrerem na sua direção preenchendo as suas necessidades, **destacando-se o Dr. Hermann Grass, que exerceu a Medicina terrestre com atropelos morais e sem a ética conveniente.** Hábil cirurgião, preferiu dedicar-se ao **aborto criminoso**, contraindo pesados débitos perante a própria consciência e a Consciência Cósmica. Ao desencarnar, sofrendo amargamente, tomou-se vítima direta, que já o era indiretamente, de terrível verdugo da Erraticidade mais inferior que explorava desde antes, fazendo-o mais infeliz. O processo de vampirização alongou-se por vários anos complicado pela presença vingadora de algumas das suas vítimas. Depois de um largo período de sofrimento desvinculou-se do antagonista e passou a ligar-se ao médium Davi,

em quem encontrou recursos para reabilitar-se dos delitos através das ações dignificantes que viesse a realizar. Os Mentores do médium viram na circunstância uma fórmula feliz para que ambos se ajudassem, enquanto eles próprios se dignificavam. No começo, o Dr. Hermann encontrou estímulos para essa reabilitação, de que se foi descuidando à medida que aumentava o número de necessitados, e o caráter do médium se amolentava diante dos resultados materiais obtidos.”⁽⁴³⁾

Reflexionando um pouco, asseverou:

– “O nosso descuidado Davi necessita de uma advertência mais enérgica, embora desagradável, a fim de tentarmos despertá-lo.”

Pedindo licença afastou-se. Quase de imediato, deu entrada na sala de refeições o Dr. Hermann Grass. Ele relanceou o olhar pelo ambiente repleto, em penumbra quebrada pelas velas acesas sobre as mesas, e acercou-se do médium quando este ingeria mais uma dose de alcoólico, abraçado a uma moça atormentada pelo sexo, que já se encontrava estimulada pela bebida, por sua vez, em lastimável estado de parasitose obsessiva.

Concentrando-se fortemente, o cirurgião desencarnado chamou o médium pelo nome. Este captou-lhe a onda mental e reagiu, negativamente, objetando que aqueles eram os seus momentos para refazer-se e desfrutar a vida. Afirmava-se vivo e não desencarna do, portanto com necessidades humanas...

Simultaneamente a moça arrastou-o para a

pista de dança e, envolvendo-o em languidez, colou o seu ao corpo dele.

Os vapores alcoólicos tomaram a casa mental do invigilante, e enquanto rodopiava com a parceira, sentiu aumentar a tontura que já o dominava. Nesse momento, o **Dr. Hermann condensou a energia psíquica e apareceu-lhe, repreendendo-o com veemência e disparando na sua direção uma onda vibratória que o atingiu**, produzindo-lhe uma forte excitação, após o que, **ele deu um grito e tombou desmaiado**.

A ocorrência chamou a atenção geral. Garçons e amigos correram precipites e o carregaram para outro cômodo, enquanto algumas pessoas, que não o conheciam, lamentaram a cena com desdém:

– “É o tal médium, famoso e desonesto? Deve estar embriagado com o dinheiro das suas vítimas. Por que não se cura a si mesmo?”

O infeliz despertou, logo após haver vomitado, padecendo rude dor de cabeça e sem recordação exata do que lhe havia sucedido. Acalmado pelos amigos foi, de imediato, levado para casa, enquanto comentavam sobre o lauto jantar que não pôde ser concluído. ⁽⁴⁴⁾

Até os Espíritos ainda não plenamente moralizados podem exercer alguma ação que resulta em tolher o nosso livre-arbítrio, como se vê nesse episódio com o médium Davi.

Espíritos inferiores são constrangidos a manifestarem-se em reunião mediúnica

Para que essa situação não ficasse um tanto quanto perdida em meio às explicações anteriores, achamos por bem tratá-la em um capítulo à parte.

O constrangimento não ocorre de forma generalizada, mas somente em relação aos Espíritos muito endurecidos que, às vezes, são coagidos pelos Espíritos superiores a se manifestarem em reuniões mediúnicas.

O objetivo será sempre o de lhes proporcionar ajuda, esclarecendo-os de sua real situação perante as leis divinas, conforme confirmaremos com explicações do Codificador, que seguem.

Em ***O Livro dos Médiuns***, Segunda parte, cap. XXV - Das evocações, item 282 - Perguntas sobre as evocações, questões 9 e 10, lemos:

9. O Espírito evocado pode negar-se a atender?

– Perfeitamente. Onde estaria, sem isso, o seu livre-arbítrio? Achais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens? E vós mesmos, acaso vos considerais obrigados a responder a todos os que pronunciam o vosso nome? Mas quando assim o digo, refiro-me ao chamado ao pedido do evocador. Porque **um Espírito inferior pode ser constrangido, por um Espírito superior, a se manifestar.**

10. O evocador dispõe de algum meio para **constranger o Espírito a atendê-lo?**

– Nenhum, se o Espírito é igual ou superior em moralidade. – digo *em moralidade* e não em inteligência, – porque, então não tem nenhuma autoridade. Se for inferior, **poderá fazê-lo para o seu próprio bem, porque então outros Espíritos o ajudarão.** ⁽⁴⁵⁾ (itálico do original)

Para que um encarnado consiga que um Espírito se manifeste contra sua vontade, ele deverá tem moralidade maior daquela que possui o evocado, mas, mesmo assim, será secundado por Espíritos superiores.

Vejamos também a questão 21:

21. Há diferença entre os Espíritos bons e os maus no tocante à solícitude com que atendem ao nosso chamado?

– Há, e muito grande. **Os Espíritos maus** só atendem de boa vontade quando esperam dominar e enganar; sentem viva contrariedade quando **são forçados a se manifestar para confessar suas faltas** e procuram escapar, como um colegial que se chama para repreender. **Podem ser constrangidos a manifestar-se por Espíritos superiores**, como castigo e para instrução dos encarnados. [...]. ⁽⁴⁶⁾

Embora os Espíritos tenham livre-arbítrio, há algumas situações em que alguns deles são constrangidos a manifestarem-se por ação dos que lhes são superiores, visando o próprio bem deles.

E, um pouco mais à frente, do item 284, julgamos ser oportuno destacar a seguinte questão:

*57. O Espírito de uma pessoa viva não poderia **ser constrangido**, por outro Espírito a se manifestar e falar, **como sucede com os Espíritos errantes?***

– Entre os Espíritos de mortos ou de vivos só há uma supremacia, que é a da superioridade moral. Deves compreender que um Espírito superior jamais apoiaria uma indiscrição covarde. ⁽⁴⁷⁾

O importante está no que se afirma nessa

pergunta, ou seja, que os Espíritos errantes podem ser constrangidos por outro Espírito a vir e falar numa reunião mediúnica.

Ainda em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXVI, item 292, na questão 22, temos que *“Os maus podem ser constrangidos a descrever seus sofrimentos, para provocar neles o arrependimento.”* (48)

Trazemos de **O Céu e o Inferno**, Primeira Parte, cap. X - Intervenção dos demônios nas modernas manifestações, o item 10, no qual se lê:

Não há nenhum meio de se obrigar um Espírito a atender a uma evocação contra a sua vontade, desde que ele seja, do ponto de vista moral, igual ou superior à pessoa que o evoca, caso em que esta não terá nenhuma autoridade sobre ele. Porém, se o Espírito lhe for inferior, o evocador pode consegui-lo, desde que seja para o bem do Espírito evocado, porque, nesse caso, outros Espíritos o ajudarão. (O *livro dos médiuns*, Segunda parte, cap. XXV, item 282, pergunta 10.) (49)

Entendemos que quando o evocador consegue *“obrigar a um Espírito a atender a uma evocação*

contra sua vontade” de forma que ele compareça à reunião, ou ele é ajudado pelos Espíritos superiores que a coordenam, ou é ação somente deles.

Um pouco mais à frente, no item 14, também encontramos algo a respeito:

O Espírito evocado vem voluntariamente ou é constrangido a manifestar-se? – **Ele obedece à vontade de Deus**, isto é, à lei geral que rege o universo; julga da utilidade ou inutilidade da sua manifestação. Ainda aí exerce o livre-arbítrio. O Espírito superior vem sempre que chamado com um fim útil; [...].

O Espírito evocado pode negar-se a atender ao chamado que lhe é dirigido? – Perfeitamente. Onde estaria o seu livre-arbítrio, se assim não fosse? Pensais que todos os seres do universo estão às vossas ordens? Vós mesmos vos considerais obrigados a responder a todos os que vos pronunciam os nomes? **Quando digo que o Espírito pode recusar-se, refiro-me ao pedido do evocador, visto que um Espírito inferior pode ser constrangido a vir, por um Espírito superior.** (O livro dos médiuns, Segunda parte, cap. XXV, item 282, pergunta 9.)

O constrangimento por um Espírito superior somente é feito em obediência à vontade de Deus.

Nestes trechos da **Revista Espírita 1858**, **Revista Espírita 1859** e **Revista Espírita 1864**, respectivamente, podemos corroborar essa ação de Espíritos superiores:

[...] pela evocação ele pode, como Espírito de uma ordem pouco elevada, **ser constrangido a vir a um meio que lhe desagrada**. [...]. ⁽⁵⁰⁾

[...] Sabeis que **esses Espíritos não vêm ao nosso chamado senão como constrangidos e forçados**, e que, em geral, encontram tão pouco do seu meio entre nós, que sempre têm pressa de irem. [...]. ⁽⁵¹⁾

[...] Somente certos culpados vêm com repugnância, e, nesse caso, eles não **são ali constrangidos** pelo evocador, mas **por Espíritos superiores, tendo em vista seu adiantamento**. [...]. ⁽⁵²⁾

Com relação aos Espíritos perturbados também pode ocorrer constrangimento. Em o livro **No Invisível**, cap. XIX - Transes e Incorporações, Léon Denis explicando a possibilidade do fenômeno mediúnico se dar pela transmissão do pensamento e também da incorporação, diz:

[...] As citações que acabamos de fazer provam que a incorporação pode ser real e completa. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, **certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação.** Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. [...].
(⁵³)

Então, com as experiências do grupo de Lyon, Denis ficou convencido de que certos Espíritos pouco adiantados são coagidos a se manifestarem na reunião mediúnica, cujo objetivo, era o de esclarecê-los.

Vejamos os seguintes exemplos:

1º) **Revista Espírita 1859**, mês de setembro, artigo “Confissão de Voltaire”:

O Espírito de um soberano, que desempenhou no mundo um papel preponderante, **chamado em uma de nossas reuniões**, iniciou por ato de cólera rasgando o papel e quebrando o lápis. Sua linguagem esteve longe de ser benevolente, porque **se achava humilhado por vir entre nós**, e perguntou se acreditávamos que ele deveria se

abaixar para nos responder. **Conviu, entretanto, que, se o fazia, era como constrangido e forçado por uma força superior à sua; mas se isso dependesse dele não o faria. [...].** ⁽⁵⁴⁾

Temos aqui o próprio Espírito errante confessar que foi constrangido a manifestar-se por uma força superior à sua.

2º) **Revista Espírita 1862**, mês de novembro, diálogo com o Espírito Jacques Noulin:

59. Não pareceis ser um Espírito muito avançado? - R. Ocupai-vos de vossos assuntos e **deixai-me ir daqui.**

Nota. Como não há portas fechadas para os Espíritos, **se este pede que se o deixe ir, é que um poder superior lhe constrange a ficar**, sem dúvida para sua instrução. ⁽⁵⁵⁾

O importante é o objetivo que levou a constranger esse Espírito a ter que ficar na reunião, ou seja, o de ser para sua instrução.

2º) **Revista Espírita 1865**:

a) Mês de junho, artigo “Cura de um obsidiado em Barcelona”:

[...] Na quarta evocação, orou conosco e **se lamentou de ser conduzido junto a nós contra a sua vontade**; ele queria muito vir, mas de sua própria vontade. Foi o que fez na sessão seguinte; pouco a pouco, a cada nova evocação, tomávamos mais ascendência sobre ele, e acabamos por fazê-lo renunciar ao mal que, depois da quarta sessão, tinha sempre diminuído, e tivemos a satisfação de ver as crises cessarem na nona. [...]. ⁽⁵⁶⁾

b) Mês de dezembro, artigo “Espíritos de dois sábios incrédulos aos seus antigos amigos da Terra”, da comunicação do Espírito que assinou M. L..., destacamos os seguintes parágrafos:

Meu caro cunhado, a quem devo sinceros agradecimentos, disse que retornei aos bons sentimentos em pouco tempo. Eu lhe agradeço pela sua amenidade a meu respeito; mas, sem dúvida, ele ignora o quanto são longas as horas de sofrimento resultantes da inconsciência de seu ser!!!... Eu acreditava no nada, e fui punido por um nada fictício. Sentir-se ser e não poder manifestar seu ser; se crer disseminado em todos os restos esparsos da matéria que forma o corpo, tal foi minha posição durante mais de dois meses!... dois séculos!... Ah! as horas do sofrimento são longas, e se não se tivesse ocupado em me tirar dessa má atmosfera do nihilismo, **se não se me tivesse constrangido a vir a essas reuniões de paz e de amor**, onde eu não compreendia, não via nem

ouvia nada, mas onde os fluidos simpáticos agiam sobre mim e me despertavam pouco a pouco de meu pesado torpor espiritual, onde eu estaria ainda? meu Deus!... Deus!... que doce nome a pronunciar por aquele que foi tanto tempo ligado ao nada esse pai tão grande e tão bom! Ah! meus amigos, moderai-me, porque hoje não temo senão uma coisa, é de me tornar fanático dessas crenças que teria repellido como vis disparates, se outrora viessem ao meu conhecimento!...

Eu não direi nada hoje sobre os trabalhos dos quais vos ocupais; sou ainda muito novo, muito ignorante para ousar me aventurar em vossas sábias dissertações. Já sinto, mas não sei ainda! Dir-vos-ei somente isto, porque já o sei: Sim, os fluidos têm uma influência enorme como ação curadora, se não corpórea, disso nada sei, pelo menos espiritual, porque senti a sua ação. Eu vos disse e vos repito com alegria e reconhecimento: **Eu ia, constrangido por uma força invencível, a de meu guia sem dúvida, nas reuniões espíritas.** Eu não via, não ouvia nada, e no entanto uma ação fluídica que não podia raciocinar, me curou espiritualmente. ⁽⁵⁷⁾

Novamente, temos o próprio Espírito manifestante dizendo que compareceu à reunião porque foi constrangido por uma força invencível.

3º) **O Céu e o Inferno**, Segunda parte, cap. VI - Criminosos arrependidos e cap. VII - Espíritos

endurecidos, respectivamente:

a) O Espírito de Castelnaudary

[...] São Luís respondeu: “É um Espírito da pior espécie, verdadeiro monstro: **fizemo-lo comparecer**, mas a despeito de tudo quanto lhe dissemos **não foi possível obrigá-lo a escrever**. Ele tem o seu livre-arbítrio, do qual o infeliz tem feito triste uso”.

[...].

[...] Morreu em 1659, com 80 anos, sem que houvesse respondido por estes crimes, que pouca atenção despertavam naquela época de confusões. Depois da morte, jamais cessara de praticar o mal, provocando vários acidentes naquela casa. **Um médium vidente que assistiu à primeira evocação o viu no momento em que pretendiam forçá-lo a escrever, sacudindo violentamente o braço do médium**. Seu aspecto era terrível; trajava uma camisa ensanguentada e tinha na mão um punhal. ⁽⁵⁸⁾

b) A rainha de Oude

2-a. *Que pensais das honras fúnebres prestadas aos vossos despojos?* – R. Não foram grande coisa, pois eu era rainha e nem todos se curvaram diante de mim... Deixai-me... **forçame a falar...** não quero que saibais o que ora

sou... Ficai sabendo que eu era rainha...

9. *Por que atendestes tão prontamente ao nosso apelo?* – R. **Eu não queria vir, mas forçaram-me.** Acaso pensarás que eu me dignaria responder-te? Que és tu a meu lado?

9-a. **E quem vos forçou a vir?** – R. **Nem eu mesma sei...** posto que não deva existir ninguém mais poderoso do que eu. ⁽⁵⁹⁾ (itálico do original)

Esses exemplos, plenamente corroboram o fato de que alguns Espíritos são constrangidos a se manifestarem e, como dito, para o próprio bem deles, ainda que eles não tenham consciência disso.

Reencarnação compulsória, quando isso ocorreria?

Como vimos, em **O Livro dos Espíritos**, na questão 262, “*Deus pode impor determinada existência a um Espírito*” ⁽⁶⁰⁾, o que ilustraremos apresentando algumas situações.

Na **Revista Espírita 1862**, mês de novembro, em nota explicativa, Allan Kardec argumentou:

Eis, pois, um Espírito que, em razão de sua leviandade e de seu pouco adiantamento, não desconfia da reencarnação. Quando chegar para ele o momento de retomar uma nova existência, que escolha poderá fazer? Evidentemente, uma escolha em relação com seu caráter e seus hábitos, em vista de gozar, e não em vista de expiar, até que seu Espírito esteja bastante desenvolvido para compreender-lhe as consequências. É a história da criança inexperiente que se lança estouvadamente em todas as aventuras e que adquire a experiência às suas custas. **Lembremos aqui que, para os Espíritos atrasados, incapazes de fazerem uma escolha com conhecimento de causa, há encarnações obrigatórias.** ⁽⁶¹⁾

Encarnações obrigatórias significa encarnações compulsórias, não há como se diferente disso, que são impostas a Espíritos atrasados e incapazes de fazerem uma escolha com conhecimento de causa, conforme dito.

No cap. XIII da obra ***O Problema do Ser, do Destino e da Dor***, Léon Denis, afirma que:

[...] compreender-se-á quão difícil é a escolha. Por isso, esta escolha é-nos, as mais das vezes, inspirada pelas **inteligências diretoras**, ou então, **em proveito nosso, não elas próprias fazê-lo, se não possuímos o discernimento necessário** para adotar com toda a sabedoria e previdência os meios mais eficazes para ativarem a nossa evolução e expurgarem o nosso passado. ⁽⁶²⁾

Com esta transcrição visamos corroborar que isso era assunto pacífico para os continuadores de Allan Kardec.

Vejamos neste trecho de ***Memórias de Um Suicida***, psicografia de Yvonne A. Pereira (1900-1984) a resposta de Irmão João:

“– Se bem compreendi, então, **a reencarnação**

punitiva que aguarda esses desgraçados lhes é imposta, simplesmente, como tratamento médico hospitalar desta seção do nosso Departamento?... Trata-se de um antídoto... um remédio, pois?...!” – perquiri, sacudido por penoso desaponto.

“– Sim! – retrucou tristemente o lúcido conferencista. – Medicação, apenas! Um gênero de tratamento que a urgência e a gravidade do mal impõem ao enfermo! Operação dolorosa que nos pesa fazer, mas à qual não vacilamos em conduzir os pacientes, certos de que somente depois de realizada é que entrarão eles em convalescença. Unicamente, não será propriamente uma punição, conforme considerada, pois ninguém infligiu o castigo ou determinou a sentença, senão que, todos quantos aqui servimos a Lei nos esforçamos, tanto quanto nos esteja ao alcance, por lenificar-lhes a insidiosa situação. Será antes – isso sim! – o *efeito da causa que o próprio paciente criou com os excessos em que se deleitou... [...].* (63)

Às vezes os Espíritos se utilizam dos termos castigo e punição, que devem ser entendidos como sendo a aplicação desta assertiva de Jesus: “*A cada um segundo suas obras.*” (Mateus 16,27)

Na série “André Luiz”, há vários momentos nos quais se fala de reencarnação compulsória, como por exemplo, em **Obreiros da Vida Eterna** e em **Libertação**, pela ordem:

[...] Na esfera venturosa em que você habita, há institutos para considerar as sugestões da escolha pessoal. O livre-arbítrio, garantidor de créditos naturais, pode solicitar modificações e apresentar exigências justas, mas, aqui, as condições são diferentes... **Almas grosseiras e endividadas não podem ser atendidas em suas preferências acerca do próprio futuro, em virtude da ignorância deliberada em que se comprazem, indefinidamente**, e, de acordo com aqueles que as tutelam da região superior, **são compelidas a aceitar os roteiros estabelecidos pelas autoridades competentes, para os seus casos individuais.** [...] ⁽⁶⁴⁾

[...] Contudo, existem, ainda, nos setores da luta humana, **milhões de renascimentos de almas criminosas que tornam ao mergulho da carne premidas pela compulsória do Plano Superior, de modo a expiarem delitos graves.** Em ocorrências dessa ordem, a individualidade responsável pela desarmonia reinante converte-se em centro de gravitação das consciências desequilibradas por sua culpa e assume o comando dos trabalhos de reajustamento, sempre longos e complicados, de acordo com os ditames da Lei. ⁽⁶⁵⁾

É digno de nota que casos como estes, narrados nas obras de André Luiz, só vêm confirmar o que consta de *O Livro dos Espíritos*.

Para nós, o fato da reencarnação ser compulsória já indica que não houve consentimento do reencarnante tanto na escolha e quanto na programação de sua reencarnação, como geralmente é praxe acontecer aos que voltam à vestimenta física, conforme nos informa esse autor espiritual.

A inversão compulsória da polaridade sexual na reencarnação

É importante ressaltar que a inversão compulsória da polaridade sexual necessariamente não produz a homossexualidade, pois para que ela ocorra é preciso que o Espírito tenha reencarnado várias vezes na polaridade oposta ao atual corpo biológico.

Uma inversão compulsória da polaridade é, algumas vezes, imposta por Espíritos superiores em determinadas situações, que, entendemos, poderá ser vista como uma expiação. Entendemos que nesse caso o reencarnar em um corpo biológico inverso, não faz o reencarnado ser um homossexual.

Não há homossexualidade de expiação, ou seja, que leve o indivíduo a ser um homossexual, porquanto isso seria um “castigo” que anularia completamente o seu livre-arbítrio.

O que há, de fato, não é uma situação obrigatória, mas sim de existir certa possibilidade dele se comportar conforme o seu psiquismo

anterior, porém, não podemos nos esquecer de que ele tem todas as condições de vencer esse impulso.

Em ***O Problema do Ser, do Destino e da Dor***, Segunda Parte: O Problema do Destino, no cap. XIII – As vidas sucessivas. A reencarnação e suas leis, Léon Denis dá a seguinte opinião:

Creemos, de acordo com os nossos Guias, que a **mudança de sexo**, sempre possível para o Espírito, **é, em princípio, inútil e perigosa. Os Espíritos elevados reprovam-na.** É fácil reconhecer, à primeira vista, em volta de nós, as pessoas que numa existência precedente adotaram sexo diferente; são sempre, sob algum ponto de vista anormais. As viragos, de caráter e gostos varonis, algumas das quais apresentam ainda vestígio dos atributos do outro sexo, por exemplo, barba no mento, são, evidentemente, homens reencarnados. Elas nada têm de estético e sedutor; sucede o mesmo com os homens efeminados, que têm todos os característicos das filhas de Eva e acham-se como que transviados da vida. Quando um Espírito se afez a um sexo, é mau para ele sair do que se tornou a sua natureza.

(⁶⁶)

Muito estranho isso, pois os Espíritos que assistiam a Allan Kardec disseram exatamente o

contrário, ou seja, que o Espírito precisa reencarnar em ambos os sexos para adquirir as experiências que cada um deles proporciona.

O Codificador deixou bem claro que somente no caso de se encarnar muitas vezes no sexo oposto é que produz um comportamento mais afeito ao sexo que deixara. Aliás, não o tratou como algo de anormal, mas simplesmente como uma “*aparente anomalia*”, uma vez que faz parte da natureza.

Entretanto, o que queremos destacar dessa obra vem agora:

A mudança de sexo poderia ser considerada como um ato imposto pela lei de justiça e reparação num único caso, o qual se dá quando maus-tratos ou graves danos, infligidos a pessoas de um sexo, atraem para este mesmo sexo os Espíritos responsáveis, para assim sofrerem, por sua vez, os efeitos das causas a que deram origem; mas, a pena de talião não rege, como mais adiante veremos, de maneira absoluta, o mundo das almas; existem mil formas de se fazer a reparação e de se eliminarem as causas do mal. A cadeia onipotente das causas e dos efeitos desenrola-se em mil anéis diversos. (67)

Denis, portanto, admite a mudança de sexo por imposição, mas diz que haveria mil outros meios de fazer com que os Espíritos sofram pelos maus-tratos ou graves danos, infligidos a pessoas do sexo oposto, quando encarnados.

O Assistente Silas, em **Ação e Reação** (1957), apresenta duas causas para essa inversão:

[...] em muitas ocasiões, **quando o homem tiraniza a mulher**, furtando-lhe os direitos e cometendo abusos, em nome de sua pretensa superioridade, [...] **é conduzido pelos agentes da Lei Divina a renascimento doloroso, em corpo feminino**, para que, no extremo desconforto íntimo, aprenda a venerar na mulher sua irmã e companheira, filha e mãe, diante de Deus, **ocorrendo idêntica situação à mulher criminosa** que, depois de arrastar o homem à devassidão e à delinquência, cria para si mesma terrível alienação mental para além do sepulcro, **requisitando, quase sempre, a internação em corpo masculino**, a fim de que, nas teias do infortúnio de sua emotividade, saiba edificar no seu ser o respeito que deve ao homem, perante o Senhor. [...]. ⁽⁶⁸⁾

O indivíduo passará pelo mesmo dissabor que infringiu a quem fez sofrer. Infelizmente, essa é a

única forma de levá-lo a refletir sobre seus atos, através do fruto que, provavelmente, colher em futuras reencarnações.

Em **Adolescência e Vida**, por intermédio de Divaldo Franco, a mentora Joanna de Ângelis fornece explicação para o surgimento de alguns casos. Vejamos o que ela disse:

O homem tirano e perverso que explorou mulheres, que as submeteu às suas paixões lúbricas e as infelicitou, por necessidade de evolução **recomeça no corpo com a forma feminina e as aptidões psicológicas masculinas**. Da mesma maneira, *a mulher que viveu da sensualidade e da perversão*, havendo contribuído para sofrimentos nos lares equilibrados ou produzido dilacerações nas almas, **renasce no corpo masculino com as matrizes psicológicas femininas** ou em dificuldade de identificação sexual... ⁽⁶⁹⁾ (itálico do original)

Mas a inversão, apresentada por Silas e também vista em Joanna de Ângelis, não significa que, obrigatoriamente, o indivíduo se torne homossexual, isso jamais, mas terá que muito lutar contra seu psiquismo.

Emmanuel, em **Vida e Sexo** (1970), além dessa causa mencionada para a inversão sexual, acrescenta algo novo:

O homem que abusou das faculdades genésicas, arruinando a existência de outras pessoas com a destruição de uniões construtivas e lares diversos, **em muitos casos é induzido a buscar nova posição, no renascimento físico, em corpo morfológicamente feminino**, aprendendo, em regime de prisão, a reajustar os próprios sentimentos, e a mulher que agiu de igual modo é impulsionada à reencarnação em corpo morfológicamente masculino, com idênticos fins. E, ainda, **em muitos outros casos, Espíritos cultos e sensíveis**, aspirando a realizar tarefas específicas na elevação de agrupamentos humanos e, conseqüentemente, na elevação de si próprios, **rogam dos Instrutores da Vida Maior que os assistem a própria internação no campo físico, em vestimenta carnal oposta à estrutura psicológica** pela qual transitoriamente se definem. Escolhem com isso viver temporariamente ocultos na armadura carnal, com o que se garantem contra arrastamentos irreversíveis, no mundo afetivo, de maneira a perseverarem, sem maiores dificuldades, nos objetivos que abraçam. ⁽⁷⁰⁾

Da mesma forma, essa internação em vestimenta carnal oposta à estrutura psicológica,

aqui mencionada por Emmanuel, não levará, forçosamente, o indivíduo à prática da homossexualidade.

Se fracassar e praticá-la, por não ter conseguido “domar” seus instintos, não será jogado no “fogo eterno”, terá milhares de reencarnações para se ajustar.

O que não cabe a nenhum de nós é julgar, condenar, execrar a ninguém por conta de seu comportamento sexual. Aliás, a moralidade e o caráter da pessoa não se localizam no seu órgão genital, é bom lembrarmos disso.

Chico Xavier, exemplo de uma situação inusitada

Vejam agora algo interessante, sobre o que talvez muitos de nós espíritas não tenhamos o mínimo conhecimento, mas que julgamos oportuno para reavaliarmos o nosso conceito de livre-arbítrio ou qual é o grau de autoridade que os Espíritos superiores têm sobre cada um de nós.

Trata-se de um trecho de uma entrevista de Chico Xavier inserida em *O Espírita Mineiro*, nº 205, de abr/jun de 1988, publicação da União Espírita Mineira - UEM, conforme consta do livro **Chico Xavier, um Mandato de Amor**:

[...] Fiquei muito admirado e as tarefas prosseguiram. Quando alcançamos o número de 100 volumes publicados, voltei a consultá-lo sobre o termo de nossos compromissos. Ele esclareceu, com bondade: “Você não deve pensar em agir e trabalhar com tanta pressa. **Agora, estou na obrigação de dizer a você que os mentores da Vida Superior, que nos orientam, expediram**

certa instrução que determina seja a sua atual reencarnação desapropriada, em benefício da divulgação dos princípios espíritas-cristãos, permanecendo a sua existência do ponto de vista físico, à disposição das entidades espirituais que possam colaborar na execução das mensagens e livros, enquanto o seu corpo se mostre apto para as nossas atividades”.

Muito desapontado, perguntei: então devo trabalhar na recepção de mensagens e livros do mundo espiritual até o fim da minha vida atual? Emmanuel acentuou: “Sim, não temos outra alternativa!” Naturalmente, impressionado com o que ele dizia voltei a interrogar: **e se eu não quiser, já que a Doutrina Espírita ensina que somos portadores do livre-arbítrio para decidir sobre os nossos próprios caminhos?** Emmanuel, então, deu um sorriso de benevolência paternal e me cientificou: **“A instrução a que me refiro é semelhante a um decreto de desapropriação, quando lançado por autoridade na Terra. Se você recusar o serviço a que me reporto, segundo creio, os orientadores dessa obra de nos dedicarmos ao Cristianismo Redivivo, de certo que eles terão autoridade bastante para retirar você de seu atual corpo físico!”** Quando eu ouvi sua declaração, silencieei para pensar na gravidade do assunto, e continuo trabalhando, sem a menor expectativa de interromper ou dificultar o que passei a chamar de “Desígnios de Cima”. (71)

Observe, caro leitor, que não resta dúvida de

que o nosso querido Chico Xavier foi constrangido, para não dizer chantageado, a executar a obra de divulgação da doutrina; portanto, ele não pôde exercer o seu livre-arbítrio, coisa que até questionou a seu mentor Emmanuel.

Resignado, assumiu essa nobre missão, à qual se dedicou com muito amor e responsabilidade, aceitando, inclusive, os sofrimentos que passaria em razão disso. Um exemplo que todos nós, os espíritas, deveríamos seguir.

Conclusão

E, para finalizar, trazemos as considerações de Paulo Henrique Wedderhoff, professor da Faculdade Doutor Leocádio José Correia - FALEC, constante do artigo "**Voo TAM 3054 - Acaso, Destino ou Livre-arbítrio?**":

Precisamos pensar mais profundamente sobre o assunto, e tentar construir uma resposta que sobreviva ao teste da lógica e seja coerente com o que sabemos dos princípios doutrinários do espiritismo. Entre eles destacamos o princípio do livre-arbítrio. **Este princípio não significa que temos controle de tudo, mas que somos responsáveis sobre os desdobramentos daquilo que está sob o nosso controle. O Espiritismo entende que livre-arbítrio é o espírito agindo no limite do seu conhecimento e sendo responsável na medida do seu entendimento.** ⁽⁷²⁾

Acreditamos que assiste razão ao nobre professor, pois talvez o que precisamos mesmo é refletir mais profundamente sobre o assunto. Na

atual condição de Espíritos, vivendo em um planeta de provas e expiações, podemos dizer que nem saímos do couro, ou seja, somos ainda crianças, espiritualmente falando.

Portanto, nosso livre-arbítrio é bem relativo e se reporta apenas a algumas conquistas provenientes de nossa experiência como Espíritos eternos. Enquanto que livre-arbítrio pleno somente os Espíritos puros o têm, por já possuírem conhecimento moral e intelectual para decidir o que é melhor para eles e também para os que lhes seguem as pegadas, uma vez que nessa condição são os fiéis executores do cumprimento da vontade de Deus.

Referências bibliográficas

- BORGES, A. M. S. **Labirintos da Alma: Conflitos e Soluções**. Brasília: FEB, 2014.
- CZERSKI, W. **Destino: Determinismo ou Livre-arbítrio?** Capivari (SP): EME, 2012.
- DELANNE, G. **A Alma é Imortal**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. **Depois da Morte**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. **No Invisível**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. **O Gênio Céltico e o Mundo Invisível**. Rio de Janeiro: CELD, 2001.
- DENIS, L. **O Problema do Ser, do Destino e da Dor**. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- FRANCO, D. P. **Adolescência e Vida**. Salvador: LEAL, 2000.
- FRANCO, D. P. **Entre os Dois Mundos**. Salvador: LEAL, 2005.
- FRANCO, D. P. **Trilhas da Libertação**. Rio de Janeiro: FEB, 2000.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. São Paulo: Lake, 2006.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras (SP): IDE, 1993.
- PELLICER, J. A. **Nicodemos ou A Imortalidade e o Renascimento**. (PDF) São Paulo: EDICEL, s/d.
- PERALVA, J. M. **O Pensamento de Emmanuel**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PEREIRA, Y. A. **Memórias de Um Suicida**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA – UEM. **Chico Xavier, um Mandato de Amor**. Belo Horizonte: UEM, 1992.

XAVIER, F. C. **Ação e Reação**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

XAVIER, F. C. **Libertação**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

XAVIER, F. C. **No Mundo Maior**. Rio de Janeiro: FEB, 1984.

XAVIER, F. C. **Nosso Lar**. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

XAVIER, F. C. **O Consolador**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

XAVIER, F. C. **Obreiros da Vida Eterna**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

Internet

https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Trade_Center. Acesso em: 24 jul. 2013.

REIS, A. *O acaso não existe; a vida é casual, não casual*. Londrina, PR: O Consolador, 30 de agosto de 2009, disponível em:

<http://www.oconsolador.com.br/ano3/122/especial.html>. Acesso em: 22 mai. 2015.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Possessão: espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, disponível em:

<https://paulosnetos.net/article/possecao-espirtos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>. Acesso em: 12 set. 2024.

WEDDERHOFF, P. H. *Voo TAM 3054 – acaso, destino ou livre-arbítrio?* In *Documentos SBEE, nº 28*. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, 2008, p. 8-9, disponível pelo link:

http://www.sbee.org.br/documentos/Doc_28-V1.pdf. Acesso em: 26 jul. 2013.

Quando no formato de artigo, esse texto foi publicado:

- revista **Espiritismo & Ciência Especial** nº 65. São Paulo: Mythos Editora, set/2013, p. 14-24 (versão anterior).
- Revista Semanal de Divulgação Espírita **O Consolador** nº 730. Londrina: 18 jul. 2021, disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano15/730/especial.html>. Acesso em: 18 jul. 2021.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; e 30) Herculano Pires diante da Revista Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 826, p. 430.
- 2 SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: espíritos possuindo fisicamente os encarnados*, link: <https://paulosnetos.net/article/possecao-espíritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>
- 3 *Dicionário Aurélio*: **Fato**: Roupas, veste(s), vestuário.
- 4 KARDEC, *A Gênese*, p. 349-351.
- 5 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 188.
- 6 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, comentário à q. 399, p. 247.
- 7 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 122, p. 117.
- 8 KARDEC, *A Gênese*, p. 92.
- 9 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 180.
- 10 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 198.
- 11 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 223.
- 12 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 238-239 e 242.
- 13 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 342-343.
- 14 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 167.
- 15 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 78.
- 16 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 303-304.
- 17 WIKIPÉDIA: https://pt.wikipedia.org/wiki/World_Trade_Center
- 18 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 277.
- 19 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 452.
- 20 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 293.
- 21 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 115.
- 22 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 207.
- 23 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 252.
- 24 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 156.
- 25 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 196-201.
- 26 DENIS, *Depois da Morte*, p. 244.

- 27 DENIS, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, p. 347.
- 28 DENIS, *O Gênio Celta e o Mundo Invisível*, p. 245.
- 29 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 207.
- 30 PELLICER, *Nicodemos ou A Imortalidade e o Renascimento*, p. 82.
- 31 CZERSKI, *Destino: Determinismo ou Livre-arbítrio?*, p. 107-108.
- 32 CZERSKI, *Destino: Determinismo ou Livre-arbítrio?*, p. 118-119.
- 33 XAVIER, *O Consolador*, p. 83-85.
- 34 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 256.
- 35 PERALVA, *O Pensamento de Emmanuel*, p. 201.
- 36 REIS, *O acaso não existe; a vida é casual, não casual*, disponível em:
<http://www.oconsolador.com.br/ano3/122/especial.html>.
- 37 XAVIER, *Ação e Reação*, p. 190-193.
- 38 FRANCO, *Entre os Dois Mundos*, p. 69.
- 39 FRANCO, *Entre os Dois Mundos*, p. 78.
- 40 FRANCO, *Entre os Dois mundos*, p. 81-83.
- 41 BORGES, *Labirintos da Alma: Conflitos e Soluções*, p. 39-40.
- 42 FRANCO, *Trilhas da Libertação*, p. 46-47.
- 43 FRANCO, *Trilhas da Libertação*, p. 48-49.
- 44 FRANCO, *Trilhas da Libertação*, p. 66-67.
- 45 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 257.
- 46 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 259.
- 47 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 267.
- 48 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 280.
- 49 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 132.
- 50 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 191.
- 51 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 179.

- 52 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 387.
- 53 DENIS, *No Invisível*, p. 253.
- 54 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 239.
- 55 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 331.
- 56 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 174.
- 57 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 379.
- 58 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 298.
- 59 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 326-327.
- 60 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 198.
- 61 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 332.
- 62 DENIS, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, p. 176.
- 63 PEREIRA, *Memórias de Um Suicida*, p. 261.
- 64 XAVIER, *Obreiros da Vida Eterna*, 1986, p. 75.
- 65 XAVIER, *Libertação*, p. 99.
- 66 DENIS, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, p. 177.
- 67 DENIS, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, p. 178.
- 68 XAVIER, *Ação e Reação*, p. 209.
- 69 FRANCO, *Adolescência e Vida*, p. 119.
- 70 XAVIER, *Vida e Sexo*, p. 112.
- 71 UEM, *Chico Xavier, um Mandato de Amor*, p. 259-260.
- 72 WEDDERHOFF, *Voo TAM 3054 - acaso, destino ou livre-arbítrio?*, p. 8.